

Apresentação: Viver e escrever em trânsito entre Angola e Portugal. Entrevistas e ensaios

Este número da revista *Portuguese Literary & Cultural Studies* (PLCS) tem como foco a experiência pessoal e a produção literária de escritores e escritoras cujas vidas têm transitado de diferentes maneiras e em diferentes épocas entre Angola e Portugal. Estão sob o foco, mais concretamente, as seis pessoas que entrevistei, em 2020, para a realização do documentário *Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal* (2021), isto é, Ana Paula Tavares, Aida Gomes, Kalaf Epalanga, Raquel Lima, Yara Monteiro e Zetho Cunha Gonçalves.¹ Este grupo dificilmente pode ser abrangido com um único termo, tal como migrantes, refugiados/as, africanos/as da diáspora, afrodescendentes, afro-portugueses etc., pelo que optei tanto no título do documentário como no título deste número especial pelo termo “trânsito” com o intuito de abordar as mais diversas experiências de deslocamentos entre Angola e Portugal – impregnadas, inevitavelmente, pela história do colonialismo, do seu fim e das suas sequelas – e as suas repercussões na literatura. Tanto o documentário como a presente publicação são resultados do projeto “Identidades nacionais em diálogo: construções de identidades políticas e literárias em Portugal, Angola e Moçambique (1961-presente)”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (IF/00654/2015/CP1283/CT0004).²

Este número especial inclui, por um lado, a transcrição das seis entrevistas e, por outro, ensaios de corte teórico e/ou analítico-interpretativo sobre as obras dos/as entrevistados/as, bem como de uma outra escritora “em trânsito entre Angola e Portugal” (Djaimilia Pereira de Almeida).

As entrevistas

As seis entrevistas publicadas neste número, apresentadas em ordem cronológica de acordo com o ano de nascimento da pessoa entrevistada (da mais velha à mais jovem), são as versões integrais das conversas realizadas entre setembro e dezembro de 2020, e filmadas para o documentário. Como é natural, os recortes que aparecem no documentário são apenas pequenos fragmentos de conversas muito mais longas, pelo que se impõe agora a publicação das entrevistas em formato de texto para poderem ser lidas e usadas como fontes para os

estudos literários e material para aulas. Existem, no entanto, versões resumidas destas entrevistas, que publiquei ao longo do ano 2021, no portal *Buala*, coordenado por Marta Lança, a quem agradeço o acolhimento (veja-se a lista no final deste texto). Uma vez que se trata de versões comprimidas, compostas por uma seleção de momentos particularmente interessantes, é possível que, em alguns casos, o texto não seja idêntico ao que se publica agora. Nos fragmentos selecionados foram omitidos, além do mais, alguns detalhes a meio dos parágrafos para respeitar a necessária economia de espaço em meios digitais de caráter mais jornalístico. Nestas versões curtas das entrevistas, também as minhas questões foram adaptadas aos excertos escolhidos e podem não coincidir inteiramente com as que aparecem agora nas versões integrais.³

Tal como as entrevistas publicadas no *Buala*, as transcrições integrais, que agora se publicam, foram adaptadas ao registo escrito da língua, sem apagar, no entanto, algumas das marcas características da fala de cada entrevistado/a. Neste processo, procurou-se manter a transcrição literal no caso dos fragmentos que aparecem no documentário. Agradeço a Paulo Geovane e Silva, bolseiro do mencionado projeto, as transcrições e a adaptação dos textos. Adicionalmente, os textos foram revistos por Ana Marques, bolsreira do Centro de Literatura Portuguesa (FLUC) e, naturalmente, por mim própria.

Além da publicação dos textos no *Buala*, cada entrevista foi também divulgada através de um videoclipe, de entre quatro e cinco minutos, disponível no meu canal de YouTube. Estes videoclipes, editados por Paulo Geovane e Silva, não são simples recortes do documentário, mas produtos à parte, que foram pensados como *teasers* antes do lançamento do documentário (veja-se lista no final deste texto).

Os ensaios

Os ensaios que complementam as entrevistas e o próprio documentário foram escritos por seis investigadores/as doutorados/as, a meu convite, e seis doutorandos/as do Programa em Literatura de Língua Portuguesa (FLUC), no qual ensino. Todos/as eles/as tiveram acesso às versões integrais das entrevistas e aceitaram responder ao propósito transversal desta publicação de tomar o documentário e as entrevistas como ponto de partida e fio condutor para os diversos estudos realizados. Apostei nesta conceção do número especial também com o intuito de juntar, por um lado, vozes mais experimentadas que assegurassem o avanço sólido na investigação da literatura de escritores/as “em trânsito entre Angola e

Portugal”, e, por outro, novas vozes que apresentassem abordagens exploratórias e criativas, articuladas por quem está a afirmar-se no campo da investigação. Assim, em duas edições do seminário de doutoramento “Tópicos de Pesquisa em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”, em 2021 e 2022, trabalhei com os/as estudantes sobre obras dos/as entrevistados/as. Na edição do seminário de 2021, o documentário ainda não estava pronto, mas os/as doutorandos/as puderam acompanhar a produção dos videoclipes e ter acesso às transcrições das entrevistas. Na edição de 2022, já pude trabalhar com o documentário finalizado e debruçámo-nos sobre obras distintas, desta vez. Em ambas as edições, abri aos/às participantes a possibilidade de, após aprovação do seu trabalho final, reelaborarem os seus textos para esta publicação que aqui apresento. Não foi apenas um desafio e uma oportunidade para eles/as, mas também um treino para a tarefa hercúlea que têm pela frente (a escrita da tese), uma vez que comentei e revi várias versões dos seus trabalhos antes da submissão para *peer review*. O resultado é o que podemos ler neste número especial. Espero que as suas vozes se consolidem nos próximos anos, na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Os seus artigos constituem uma grande mais-valia para este projeto, não apenas pela capacidade intelectual dos/as doutorandos/as, mas também por terem crescido em contextos culturais diversos (Angola, Brasil, Canadá) e por terem feito uso da sua bagagem cultural, às vezes especializada relativamente ao tema tratado, para a elaboração de interpretações bastante singulares.

Dispensar-me de uma apresentação detalhada dos contributos de quem se juntou a este projeto, uma vez que cada artigo dispõe de um resumo que cumpre esta função perfeitamente. O meu objetivo será, agora, esclarecer a organização dos artigos, que espelha a mesma ordem em que surgem as entrevistas. Abordarei os ensaios em duas etapas, os primeiros seis, e os últimos seis, marcando desta forma uma lógica de progressão interna. A secção dos ensaios abre-se com o ensaio de minha autoria “Trânsitos literários entre Angola e Portugal: em busca de uma categorização possível”, no qual forneço um enquadramento geral do documentário e do grupo de entrevistados/as, com o objetivo final de identificar e propor uma categoria que permita caracterizar este grupo: “trânsitos afropolitanos”.

Seguem-se cinco ensaios de doutorandos/as sobre obras de Ana Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves, os mais velhos do grupo de entrevistados/as, que se demarcam do resto justamente por não oscilarem entre uma identidade e outra (angolana ou portuguesa), mas por se afirmarem como angolanos, pertencentes

à geração que viveu a luta pela independência de Angola, e que têm memória própria dela. Dois artigos, os de Francisco Monteiro Daniel e de Rayssa Marinho Pacífico das Neves, debruçam-se sobre diferentes crônicas de Ana Paula Tavares, do livro *A cabeça de Salomé*. Enquanto Francisco Daniel procura destrinçar os nós dos traumas causados pela guerra civil, presentes nas crônicas, Rayssa Neves reflete sobre o significado da metáfora o “fogo da palavra” e a presença da memória da guerra civil na perspectiva das mulheres. Por sua vez, Roque dos Reis Tito Suequel propõe uma interessante releitura do livro inaugural de Paula Tavares, *Ritos de passagem*, enraizada no sólido conhecimento cultural do autor da zona onde cresceu a poeta, e incidindo sobretudo na representação das mulheres através de metáforas de frutas. Segue-se um trabalho comparativo da poesia de Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves pelas mãos de Salvador Bonifácio Domingos Tito, que trabalha com poemas selecionados de *Como veias finas da terra* e *Noite vertical*, respetivamente, com o objetivo de compreender a relação criada nos poemas entre espaço, memória e identidade. Por fim, Andréa de Carvalho propõe uma leitura muito fina de poemas de Zetho Cunha Gonçalves, também do poemário *Noite vertical*, em que trabalha com a ligação entre origem (semelhante ao conceito do espaço no ensaio de Salvador Tito) e identidade. Não é por acaso que em todos estes artigos o termo “identidade” aparece no título, uma vez que foi justamente a palavra-chave do projeto “Identidades nacionais em diálogo: construções de identidades políticas e literárias em Portugal, Angola e Moçambique (1961-presente)”, projeto que, como já aqui se afirmou, deu origem ao documentário e a esta publicação, e que também guiou muitos debates nas aulas.

A segunda metade dos ensaios é introduzida novamente por uma contribuição de corte teórico, uma vez que agora entram em jogo vozes literárias de uma geração que viveu a luta pela independência de Angola em criança ou já nasceu após a declaração da independência de Angola, geração essa que carrega outras memórias e que é marcada sobretudo por uma identificação plural. Dá início a esta segunda sequência de ensaios a contribuição de Marco Bucaioni, que apresenta e problematiza vários conceitos relacionados com a literatura de afrodescendentes e caracteriza este campo da literatura em Portugal.

Seguem-se novamente trabalhos sobre obras dos/as entrevistados/as, a maior parte deles escritos por investigadores/as com experiência. Fabio Mario da Silva analisa a personagem de Silvério, do romance *Os pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes, incidindo no seu pensamento de matriz colonialista, e fazendo também

um valioso levantamento bibliográfico sobre a obra. Paulo Geovane e Silva questiona a identidade nacional através dos conceitos-metáfora “descontinuidade” e “continuidade” no romance *Também os brancos sabem dançar*, de Kalaf Epalanga. Sandra Sousa analisa a representação da (pós-)memória no romance *Essa dama bate bué!*, de Yara Monteiro, e estende-a, de seguida, ao poemário *Memórias Aparições Arritmias*, da mesma autora. Jessica Falconi, num aparente desvio do proposto neste número, debruça-se sobre diversos trânsitos urbanos e suburbanos, referentes à Lisboa ficcionalizada em três obras de Djaimilia Pereira de Almeida. De facto, se esta autora não faz parte do grupo de entrevistados/as, foi apenas por uma questão de força maior. Fecha este número especial o ensaio sobre a mais jovem dos/as entrevistados/as, Raquel Lima, escrito por Patrice Mendes Pacheco, também doutoranda da FLUL, que faz uma leitura interartes da obra da poeta e artista e que, com muito entusiasmo, fez uma breve entrevista adicional à autora, por email, que anexou ao seu ensaio.

Esperando que este volume sobre produções literárias “em trânsito entre Angola e Portugal” possa ser lido em qualquer parte do mundo e ser usado tanto na investigação como em contextos de ensino, apostei na publicação na revista *Portuguese Literary & Cultural Studies*, uma vez que se trata de uma revista académica especializada relevante, prestigiada pelos nomes que tem atraído, e que assegura tanto a publicação digital como em papel. Neste sentido, agradeço a Mario Pereira e a Anna M. Klobucka o amistososo acolhimento desta proposta.

NOTAS

1. Disponível no *YouTube*. Veja-se a indicação no final deste texto.
2. O projeto esteve sediado, entre janeiro de 2017 e agosto de 2019, no Centro de Estudos Comparatistas (CEC), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), e entre setembro de 2019 e dezembro de 2021, no Centro de Literatura Portuguesa (CLP), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Esta mudança de instituição deveu-se ao facto de eu ter assumido funções como Professora Auxiliar na FLUC.
3. Optei, na escrita, por formulações concisas das questões que, na situação oral, foram mais extensas e pormenorizadas.

PUBLICAÇÕES RELACIONADAS

Entrevistas no portal Buala (por ordem de publicação)

- Wieser, Doris. 2021. “Fui angolana antes de ser portuguesa. Entrevista a Raquel Lima”. *Buala*, 20 de julho, 2021. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/fui-angolana-antes-de-ser-portuguesa-entrevista-a-raquel-lima>.
- Wieser, Doris. 2021. “A palavra nómada. Entrevista a Aida Gomes”. *Buala*, 30 de julho, 2021. <https://www.buala.org/pt/a-ler/a-palavra-nomada-entrevista-a-aida-gomes>.
- Wieser, Doris. 2021. “Só consigo escrever quando me relaciono com uma alma angolana. Entrevista a Ana Paula Tavares”. *Buala*, 14 de agosto, 2021. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/so-consigo-escrever-quando-me-relaciono-com-uma-alma-angolana-entrevista-a-ana-paula-tav>.
- Wieser, Doris. 2021. “As solas dos meus pés não saíram nunca das quedas do rio Cutato. Entrevista a Zetho Cunha Gonçalves”. *Buala*, 07 de setembro, 2021. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/as-solas-dos-meus-pes-nao-sairam-nunca-das-que-das-do-rio-cutato-entrevista-a-zetho-cunha>.
- Wieser, Doris. 2021. “As minhas raízes são africanas e as minhas asas são europeias. Entrevista a Yara Monteiro”. *Buala*, 14 de outubro, 2021. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/as-minhas-raizes-sao-africanas-e-as-minhas-asas-sao-europeias-entrevista-a-yara-monteiro>.
- Wieser, Doris. 2021. “Angola e os lugares do afeto. Entrevista a Kalaf Epalanga”. *Buala*, 19 de novembro, 2021. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/angola-e-os-lugares-do-afeto-entrevista-a-kalaf-epalanga>.

Videoclipes, disponíveis no YouTube (partes 1-6)

- Raquel Lima – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 1) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 4:32 min). https://youtu.be/WfG_h2KooYw.
- Aida Gomes – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 2) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 4:22 min). <https://youtu.be/boOcvdBdXCM>.
- Ana Paula Tavares – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 3) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 5:08 min). <https://youtu.be/83raNC7bPhE>.
- Zetho Cunha Gonçalves – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 4) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 5:20 min). <https://youtu.be/rjgJgJK2bgM>.
- Yara Monteiro – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 5) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 4:54 min). <https://youtu.be/hFDRNKffGhc>.
- Kalaf Epalanga – Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal (parte 6) (Videoclip, R: Doris Wieser, 2021, 5:28 min). <https://youtu.be/tpKPIDPkfvY>.

O documentário

Wieser, Doris, dir. 2021. *Viver e escrever m trânsito: entre Angola e Portugal*. Portugal. 63 min.
https://youtu.be/gjx_CtQixUs. (Disponível no YouTube desde 28 de abril, 2023).

DORIS WIESER é professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e membro do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da mesma instituição. É doutora em Literaturas Ibero-Românicas pela Universidade de Göttingen e mestre em Estudos Hispânicos, Portugueses e Germânicos pela Universidade de Heidelberg (Alemanha). Fez um pós-doutoramento na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa com uma bolsa da Fundação Alexander von Humboldt, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 2017 e 2021, coordenou o projeto “Identidades nacionais em diálogo. Construções de identidades políticas e literárias em Portugal, Angola e Moçambique (1961-presente)” (IF/00654/2015/CP1283/CT0004), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Os seus interesses de investigação giram em torno da construção de identidades e memórias coletivas, do romance policial e dos estudos de género nas literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas latino-americanas.